# Confederação do Equador

## 24 DE JULHO DE 1824

O dia de hoje é uma data memoravel nos annaes da historia patria.

A 24 de Julho de 1824, na cidade do Recife, o presidente eleito da Junta Governativa da Provincia de Pernambuco, Manoel de Carvalho Paes de Andrade,—depois de ter dirigido, anteriormente, em data de 2 daquelle mez, uma proclamação aos habitantes do Norte do Brasil, convidando-os a se ligarem por um pacto republicano—proclamou a CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR, com as seguintes palavras de um manifesto seu, que, sem data, dias antes fizera imprimir e largamente distribuir:

«Brasileiros, pequenas considerações só devem estorvar pequenas almas; o momento é este: salvemos a HONRA, a PATRIA e a LIBERDADE, soltando o grito festivo:—*Viva a Confederação do Equador*».

Elle denunciava em semelhante manifesto ao Imperador Pedro I, como trahidor do Brasil, dizendo que as intenções delle eram entregar o paiz a Portugal. Accusava-o tambem da violenta dissolução da Constituinte, e ainda pela prisão e deportação de alguns membros da mesma.

Aceitando, provisoriamente, a Constituição da Colombia, deu á alludida *Confederação do Equador* a

respectiva bandeira que, segundo o historiographo Dr. Alexandre José de Mello Moraes, era:

«Campo azul celeste, tendo no centro um escudo esquartelado de amarello gemma, ladeado de um ramo de canna e outro de algodão. Dentro do escudo desenhava-se um circulo branco, no qual se viam gravadas estas palavras em caracteres pretos: *Religião, Independencia, União, Liberdade*,—separando esses nomes quatro feixes de varas escarlates. Este circulo era dividido por uma faixa branca, que o separava em duas partes iguaes. A superficie era de azul ferrête, tendo no centro uma cruz floreada de escarlate com duas estrellas brancas por baixo das extremidades dos braços, assim como outras duas na altura dos dous terços inferiores, e por baixo mais nove estrellas em semi-circulo.

Na parte superior do escudo erguia-se uma haste escarlate, a qual terminava por uma mão, no centro da qual se desenhava o olho da Providencia, circulado por seis estrellas brancas. A mão apontava para uma flammula branca, que lhe ficava no alto, sobre a qual se via a palavra—FEDERAÇÃO».

Frei Caneca foi então com o seu jornal, o «Typhis Pernambucano», o mais ardente e adiantado prégador e propagandista dos ideaes republicanos—elle que já vinha consagrado entre os martyres sobreviventes da anterior e mallograda revolução republicana de 6 de Março de 1817.

A Parahyba, o Rio Grande do Norte e o Ceará, intrepidos, logo se declararam irmanados e ligados pelo mesmo ideal ao sentimento republicano. Assim, pois, então, a sonhada confederação comprehendia o territorio dessas provincias.

Desde logo os revolucionarios, com os recursos de que dispunham, trataram de organizar suas tropas e uma esquadra, que teve o commando do emigrado João Guilherme Ratclif.

Entretanto, depressa a noticia dos acontecimentos chegou ao Rio de Janeiro. Pedro I, sem demora, deli-

berou mandar uma expedição contra os revolucionarios capaz de supplantal-os.

A 1 de Agosto seguinte uma divisão naval partio do Rio de Janeiro, sob o commando de Lord Cochrane, e juntamente seguiram tropas sob as ordens do Brigadeiro Francisco de Lima e Silva. Estas saltaram em Maceió e por terra se encaminharam a Pernambuco, fazendo juncção com as do Morgado do Cabo, alliadas ao Governo.

Em Barra Grande (Alagôas) as tropas revolucionarias tiveram de tocar em retirada, acossadas diariamente por differentes guerrilhas.

Em seguida as forças imperiaes marcharam sobre o Recife, indo na vanguarda as tropas dos confederados, ou de Manoel de Carvalho.

Emquanto isso acontecia, Lord Cochrane, chegando a Pernambuco, passou a bloquear o porto de sua Capital. Depois fazendo-o com menos vigor, enviou á terra algumas proclamações, que não deram effeito.

E porque não pudesse, então, permanecer por mais tempo no Lameirão, onde o mar era terrivel, retirou-se dalli para a Bahia.

Entretanto, o Brigadeiro Lima e Silva, entre uma série de escaramuças, sempre vantajosas para as armas imperiaes, avançava.

A 12 de Setembro fez sua entrada na cidade do Recife.

Ahi, as tropas de Carvalho, que occupavam o centro da Capital, passaram para o bairro peninsular do Recife, cortaram a ponte que a liga á ilha de Santo Antonio e fortificaram-se.

Mas no mesmo dia chegou a expedição commandada pelo chefe de divisão Jewen, com 800 homens, que immediatamente desembarcou uma parte, afim de operar contra o Recife.

Muito concorreu para semelhante resultado o facto de haver Manoel Carvalho ficado interceptado de voltar ao Recife pela vanguarda do General Lima e Silva, no momento em que ia encontrar-se com as tropas re-

volucionarias sob o commando do Major Ferreira. Apezar disso, afim de occorrer a tempo á defesa da cidade, recorreu á viagem por mar, o que realizou em fragil jangada.

Já demasiado tarde chegava, e não lhe foi possivel desembarcar no Recife. Foi mesmo obrigado a refugiar-se a bordo da corveta ingleza «Tweed», pouco depois da meia noite.

Divulgada a fuga de Carvalho os patriotas viram perdida a causa, e o desanimo passou a invadir-lhes o espirito. Começaram os revézes, e a 17 a cidade estava toda em poder dos imperiaes.

As tropas de Carvalho, que se tinham retirado do cerco da Barra Grande, reunidos á outra debáixo do commando do Coronel José de Barros Falcão, tentaram um ataque sobre a Boa Vista.

O combate foi mortifero de ambos os lados. Depois foram rechassados completamente e se retiraram para o interior. Por fim, perseguidas pela columna imperial, se entregaram porque já não tinham mais elementos de resistencia.

Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará, successivamente, se submetteram ao Governo do 1.º Imperador do Brasil.

Deste modo terminou, em pouços mezes, a ephemera republica denominada *Confederação do Equador!*

Seguem-se castigos crueis, terriveis, dignos da alma tigrina de Pedro I.

A carta imperial de 15 de Outubro de 1824, julgando que a morosidade das formalidades dos tribunaes ordinarios não correspondia á urgente necessidade de castigar os revolucionarios, mandou estabelecer em Pernambuco e no Ceará commissões militares que deviam julgar *breve, verbal e summariamente os chefes e cabeças.*

Dos julgados pelas commissões ordinarias foram 17 executados em pena ultima.

No dia 13 de Janeiro de 1825, ás 10 horas da manhã, no largo das Cinco Pontas, na cidade do Recife, realizou-se a execução de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca!

Em 17 de Dezembro chegou preso á Capital de Pernambuco e, incommunicavel, é lançado na cadeia, em um calabouço immundo, escuro e estreito, local anteriormente destinado a guardar as cabeças dos enforcados.

No seguinte dia é conduzido á presença da commissão militar que, sem demora, foi installada. Ante a mesma elle proprio produzio sua defesa. Nada lhe valeu; seus algozes tinham o proposito de roubar-lhe a vida como affirma o historiador e contemporaneo, o Commendador Antonio Joaquim de Mello.

A 10 de Janeiro de 1825 é proferida a sentença de sua morte. Elle a ouvio com inaudita serenidade de animo, sendo immediatamente conduzido ao oratorio.

E nos tres ultimos dias, restantes da vida, já tão breve, quando, entre lagrimas, os amigos iam receber-lhe a despedida, elle, sem abatimento algum, com uma superioridade de suprema indifferença, diante do angustioso scenario, sorrindo lhes dizia: *E' um legado de honra velar-se pelas liberdades patrias.*

Depois, em eloquentes expressões, em praticas sabias e interessantes ácerca do procedimento dos tyrannos e sobre a dignidade das nações livres, dirigia-se aos que o assistiam. Enchia assim o limitadissimo ambito onde o sol de sua existencia estava quasi a sumir seu ultimo clarão.

No dia 13 de Janeiro, ás 8 horas da manhã, dormia tão placidamente que, approximando-se o momento fatal, foi precizo seu provincial e cordialissimo amigo Fr. Carlos de S. José ir acordal-o. Seguio o prestito em direcção á igreja de Nossa Senhora do Terço, onde, em sua porta principal, realizou-se a tristissima ceremonia da desautoração das ordens sacras.

Dahi proseguio para o largo das Cinco Pontas (que

hoje tem o nome do heroe da Patria), onde se erguia a forca.

Elle sóbe, impavido, os degráos do cruel supplicio, e descança em meio, á espera de seu fim. Ia dirigir ao povo um derradeiro adeus, quando seu lacrimoso amigo Frei Carlos supplicou-lhe para não fallar. Elle o attendeu.

Mas... facto singular! Não houve um só dos carrascos que se quizesse prestar a executar o patriota, apezar de encaneeidos no ludibrioso officio. Da propria cadeia mesmo dous pretos levados para junto da forca, nem tocados a couce de armas como foram, nem espaldeirados, cederam á intimação.

Avisada a commissão militar desse embaraçoso incidente, ordenou verbalmente que o martyr da liberdade fosse fuzilado.

Elle mesmo ainda ensinou ao alcaide, perplexo e tremulo, como o havia de amarrar aos esteios da forca!...

O creoulo João da Costa Palma, um dos soldados da patrulha sacrificadora, reconhecendo a nobre victima, teve uma syncope.

Os outros, porém, dispostos em linha de atirar fazem a descarga horrivel e Frei Caneca expira... emquanto os *suissos* imperiaes erguiam vivas a Pedro I, acompanhados da musica militar.

Quando findou o drama infamante, quatro calcetas pegaram no cadaver, collocaram-n'o em um esquife e o atiraram á porta da igreja do Carmo, onde foi abandonado. Nesse estado foi piedosamente recolhido e sepultado pelo commissario dos Terceiros, Frei Bernardo de Nossa Senhora do Carmo, em uma das catacumbas da Ordem.

—A 25 de Março realizou-se a execução do Major Agostinho Bezerra Cavalcante e Souza, que tambem havia tomado parte na revolução republicana de 1817.

Chegando ao pé da forca, subio os degráos com passos firmes e dalli disse aos circumstantes:

«*Meus irmãos e camaradas, não penseis que me*

*horroriza subir a este lugar, pois que minha consciencia não me accusa. Nenhum crime commetti contra os homens nem contra a divindade. Como cidadão cumpri meus deveres, como catholico desempenhei os deveres de minha religião, como soldado defendi a minha patria. Sacrifiquei-me por ella, pretendendo libertal-a de um tyranno que insensivelmente a vai reduzindo á mais horrivel escravidão. Fazer bem no que podia a meus semelhantes, era a minha gloria, e emquanto pude fazer bem nunca fiz o mal. O dia 22 de Junho de 1814 é uma prova do que acabo de dizer. Pernambuco todo sabe esta verdade. Torno a dizer, não me accusa a consciencia. Nasci livre e morro livre. Meus dias foram sempre pelo bem da humanidade. Peço tres Ave-Marias, a primeira pela Morte e Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo, para que receba minha alma em Seu Reino; a segunda pelos martyres da Patria».*

Findo esse discurso, atirou-se elle mesmo pela escada abaixo e asphyxiou-se.

Em homenagem ao caracter do illustre martyr é precizo referir um facto que põe em relevo sua heroicidade e abnegação inexcediveis.

Grato o commercio do Recife pelo beneficio que lhes havia prestado o Major Agostinho Bezerra, defendendo-o, com seu regimento de pretos, de um assalto e saque que em 22 de Junho de 1824 tentára contra o mesmo o Major Emiliano Mandacarú, commandante dos batalhões dos pardos, representou á Commissão Militar, allegando tão importantissimo serviço e pedindo, portanto, clemencia para elle. Não tendo sido attendido, pensou o mesmo commercio em dar-lhe fuga da prisão.

E, de facto, com as cautelas que o caso exigia, conseguio aquelle commercio, em a noite da guarda de certo official, que este lhes exposasse a causa.

Dous mensageiros, pois, assim, penetraram na prisão de Agostinho e communicaram-lhe a incumbencia que alli os conduzio para sua fuga. Voltaram, entretanto, sem terem podido vencer a resistencia tenaz

do caracter do extraordinario martyr, que, de modo decisivo e cheio de altiva dignidade, respondeu: *Fugir, não!... Um patriota não foge...*

E elle preferio o sacrificio de sua vida á fuga.

—A 12 de Abril, por ordem da Commissão Militar, são barbaramente espingardeados ao pé da forca o Capitão Nicoláo Martins Pereira, James Heide Rodgers e o Tenente Antonio do Monte.

Martins Pereira, na occasião em que chegou ao sitio do supplicio, voltou-se para a força encarregada da execução, e disse: *Acabem com isto, que é bastante pequeno para symbolizar a liberdade pernambucana.*

—E ainda no Recife, em 19 de Maio, realiza-se a ultima execução na pessoa do pernambucano Francisco Antonio Fragoso.

Mas nesta cidade do Rio de Janeiro, por motivos desta revolução, haviam sido enforcados outros:

No dia 17 de Março, foram o pernambucano Joaquim da Silva Loureiro, commandante da escuna *Maria da Gloria*, e o piloto genovez João Mitrovik, commandante do brigue *Constituição ou Morte*. A 15 fôra o heróe João Guilherme Ractclif. Todos esses, por ordem do Presidente Manoel de Carvalho, tinham ido bater na Barra Grande as tropas do morgado do Cabo, quando alli os aprisionou a esquadra imperial.

Ractclif, de sentimentos liberaes e tendo por estes pugnado em Portugal, fôra uma das victimas da reacção absolutista de 1823, quando já era official de Secretaria. Vindo ao Brasil e abraçando a causa dos revolucionarios da *Confederação do Equador*, foi preso, conduzido á Côrte e condemnado á morte por acórdão da Relação, de 12 de Março de 1825, cumprido a 15 do mesmo mez.

A respeito de seu supplicio o contemporaneo e historiador Commendador Antonio Joaquim de Mello nos dá os seguintes pormenores:

«Em todo tempo de tão melancolicos preparativos conservou Ractclif a maior serenidade de espirito.

No penultimo dia de sua vida escreveu a seu advogado, agradecendo-lhe a defesa.

Quando lhe quizeram vestir a alva, repellio-a e cedeu sómente á exhortação do padre a quem sempre respeitou. *Vamos ornar a victima*, foram suas expressões.

No caminho, um frade indiscreto o taxava de rebelde, e elle retorquio:—*Deus me dê paciencia! Um ministro do altar calumniando-me!...* Então, apertando a mão de seus dous companheiros, assim se despedio delles: *Sinto que sejam arrastados ao supplicio por meu respeito, porque só eu sou o alvo a quem se dirigem.*

Parou no setimo degráo da escada, que subio intrepido, e voltando-se para o povo principiou a fallar assim:

*Brasileiros! Eu morro innocente, morro pela causa da razão, da justiça e da liberdade! Praza ao Céo que meu sangue seja o ultimo que se derrame no Brasil e no mundo por motivos politicos!...*

Querendo proseguir, o padre lhe fez signal como quem lhe pedia não continuasse.

«Terminou com estas palavras: *Eu me resigno e morro pela causa da liberdade*».

—Na provincia do Ceará foram tambem fuzilados: na manhã de 30 de Abril o padre Gonçalo Ignacio de Albuquerque Loyola Mororó e o Coronel João de Andrade Pessoa Anta; em 7 de Maio, Francisco Miguel Pereira Ibiapina; a 16, Luiz Ignacio de Azevedo Bolão; e a 28, Feliciano José da Silva Carapinima.

—A mesma commissão militar de Pernambuco baniu e condemnou á morte, affixando editaes autorizando qualquer pessoa poder livremente matal-os, aos foragidos—Manoel de Carvalho Paes de Andrade, o Coronel José de Barros Falcão de Lacerda, Tenente-Coronel José Antonio Ferreira, Dr. José da Natividade Saldanha, Capitão José Francisco Vaz do Pinho Carapeba, Antonio de Albuquerque Montenegro, Tenente Mendanha, Capitão Francisco Leite e Capitão José Gomes do Rego Cazumbá.

—No Ceará foi tambem condemnado Raymundo Alexandre Pereira Ibiapina a degredo perpetuo e serviços das obras publicas, na ilha Fernando de Noronha, onde morreu. Foram mandados ao fôro ordinario: José Francisco de Lima, João Nepomuceno da Silva Cangussú e José Corrêa Camello.

Ainda foi condemnado no fôro ordinario o Pernambucano Fr. Alexandre da Purificação, a degredo perpetuo, no Rio Negro, onde acabou seus dias.

Taes são em resumo, conforme os chronistas, os successos principaes da revolução republicana de 1824, denominada *Confederação do Equador* e cuja data de hoje recorda grande numero de figuras legendarias no campo immenso da historia.

*Sebastião de Vasconcellos Galvão.*